

POESIA VISUAL E A EXPERIMENTAÇÃO DA LINGUAGEM a partir da minha experiência

Almandrade

Resumo: A poesia visual inaugura conceitos que podem ser interpretados segundo o repertório do leitor/observador/consumidor. É uma experimentação, um fazer com a linguagem que rompe com significados cotidianos e incorpora outros signos além da palavra para propor leituras como estratégia para adular o autoritarismo da linguagem. Partindo da minha experiência, mostrarei quatro poemas: "Sol" (1974), "homeMulher" (1974), "Revolução" (1975) e "Sexos" (1973). Neles, a visualidade resolve por si, independente das possibilidades do que se fala. A linguagem poética não é porta-voz do sofrimento, da dor ou do riso. Estes estão presentes na poesia, mas como elementos simbólicos, pois fazem parte da natureza do homem. O leitor/observador/consumidor projeta naquilo que lê ou vê seus sofrimentos, suas angústias e suas alegrias, fazendo do poema um lugar para projeção de inquietações. Quando imagino um poema visual, penso-o como uma arte gráfica que dialoga com a literatura, uma experimentação na linguagem que altera o uso do signo e seu significado, uma invenção de novas grafias e novos códigos que superam a ordem alfabética. Quando apropriados, inseridos ou deslocados para o contexto poético/visual, um objeto ou uma palavra assumem a condição poética. Palavras e formas geométricas são organizadas graficamente no espaço do suporte utilizado. O espaço gráfico é mais um elemento de codificação do poema. O experimentalismo na linguagem é a origem do poema, pois enfatiza seus aspectos plásticos, visuais e estruturais, utilizando ou não a palavra na invenção poética. A palavra deixou de ser a principal matéria prima de construção do poema, mas não foi abandonada. A criação e/ou utilização de novos signos reforça e enriquece as possibilidades de experimentar a linguagem poética.

Palavras-chave: Poesia semiótica; Linguagem e experimentação; Poesia visual.

Abstract: Visual poetry inaugurates concepts that can be interpreted according to the repertoire of the reader/observer/consumer. It is an experimentation, a doing with language that breaks with everyday meanings and incorporates other signs beyond the word to propose readings as a strategy to adulterate the authoritarianism of language. Based on my experience, I will show four poems: "Sol" (1974), "homeMulher" (1974), "Revolution" (1975) and "Sexos" (1973). In them, visibility resolves itself, regardless of the possibilities of what is said. Poetic language is not the voice of suffering, pain or laughter. These are present in poetry, but as symbolic elements, as they are part of human nature. The reader/observer/consumer projects his sufferings, anxieties and joys onto what he reads or sees, making the poem a place for projecting concerns. When I imagine a visual poem, I think of it as graphic art that dialogues with literature, an experimentation in language that alters the use of signs and their meaning, an invention of new spellings and new codes that go beyond alphabetical order. When appropriated, inserted or displaced to the poetic/visual context, an object or a word assumes a poetic condition. Words and geometric shapes are graphically organized in

the space of the support used. The graphic space is one more element of the poem's codification. Experimentalism in language is the origin of the poem, as it emphasizes its plastic, visual and structural aspects, using or not the word in poetic invention. The word ceased to be the main raw material for the construction of the poem, but it was not abandoned. The creation and/or use of new signs reinforces and enriches the possibilities of experimenting with poetic language.

Key-words: Semiotic poetry; Language and experimentation; Visual poetry.

1. Introdução

O poema visual se autoexplica ao longo do uso. O tema central é a própria linguagem, a experimentação do código, uma prática semiológica. Signos verbais, visuais e até sonoros são utilizados na experiência estética que define a arquitetura do poema. A partir de signos dados, conhecidos, se produzem signos novos ou se explicitam leituras novas que enriquecem parâmetros estéticos e conceituais. A cada nova experiência, o poema inaugura processos informacionais. Essa informação pode ser estética ou não: o importante é que seja funcional e, portanto, consumida. No poema/processo, por exemplo, importa a estrutura. Manter uma estrutura em aberto, em constante relacionamento de suas partes, para que o objeto poético seja mostrado por dentro, em seu processo.

O experimentalismo na poesia é marcado principalmente pela visualidade na linguagem que iniciou com a poesia concreta, inaugurando o espaço gráfico da página como agente estrutural. O poema se desenvolve por si, dispensa interpretação para a sua realização enquanto obra poética. Na passagem do verbal para o visual ou de uma linguagem digital para uma linguagem analógica e vice-versa, o que está em jogo é a leitura do projeto, o significado não se esgota no desencadeamento de leituras, que é um jogo lúdico. As inúmeras leituras do poema mostram a visualidade como um processo do racional para o lúdico e o didático. Cada olhar, cada leitura uma nova experiência. Imagens e espaços se indagam. Por traz de lances visuais, o coeficiente conceitual é o princípio que dá origem ao poema.

O que importa é formular problemas com a utilização e experimentação da linguagem. Ocupar estrategicamente a página enquanto suporte, valorização dos elementos plásticos, semânticos e fonéticos. A fragmentação e decomposição da palavra têm o propósito de formar composições visuais que estendem os limites da língua, inventar novas grafias, novos códigos que superam a ordem alfabética. Poema

como experimentação visual e conceitual. Espaço em branco: mais que suporte, é elemento de composição do poema.

A Poesia Visual, enquanto linguagem experimental que interage em múltiplos suportes, se afirmou e estabeleceu diálogos com as mais diversas modalidades expressivas, no cenário brasileiro e internacional. O experimentalismo na linguagem poética não se esgota. Enfatizar os aspectos plásticos e estruturais do poema, retirar a primazia da palavra na criação poética passou a ser uma meta dos poemas experimentais. O poema pode ter ou não ter palavra (dispensável, mas não abandonada), o que interessa é a visualização do projeto, a criação de um processo, isto é, a possibilidade de transformação, manuseio, mudança.

2. Revolução

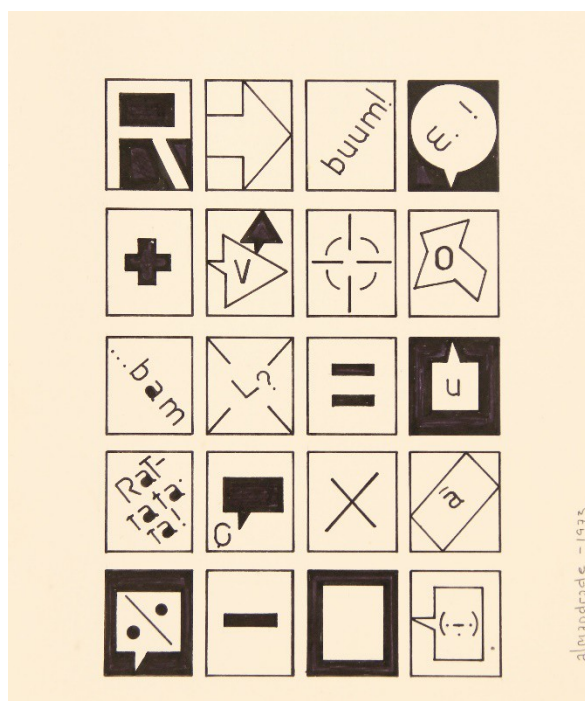


Figura 1: *Revolução*, de Almandrade, 1975

A apropriação da grafia dos quadrinhos. O poema compõe-se de uma sequência de retângulos que se desenvolvem como uma animação semiótica. Os quadrinhos assumem a problemática do experimental. O poema, com seus recursos gráficos, narra uma história de conflitos que se explicam na sequência dos quadros. Em cada

quadro uma parte de um todo que forma a palavra “revolução”. A utilização de códigos das histórias em quadrinhos sugere cenas barulhentas e as letras das palavras surgem no meio das manifestações imaginárias. O sentido vai se costurando com o quadro seguinte e a relação dinâmica da estrutura que desenha o poema.

3. Capa livro/poema



Figura 2: *Poema sol*, de Almandrade, 1974/2017

O poema se realiza no manuseio de suas páginas. Poema intersemiótico, o código verbal se transforma no código visual, a linguagem digital (ocidental) cede para a linguagem analógica (oriental). A relação dinâmica da estrutura convida o espectador/leitor a uma participação na invenção de leituras. Na versão reproduzida na capa são as suas páginas: a palavra SOL que se transforma no ideograma de sol e este se

decompõe no signo icônico de sol. Um desdobramento de signos, os dados gráficos sintetizam uma progressão estética.

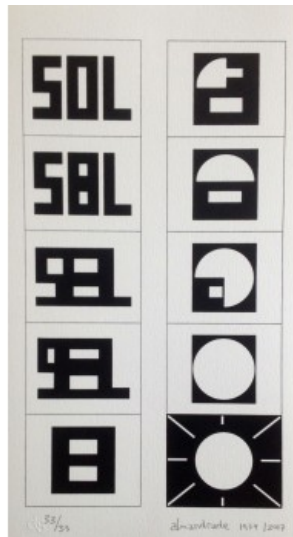


Figura 3: *Poema sol*, de Almandrade, 1974

O poema é composto por dez painéis divididos em duas colunas. O espaço em branco entre as colunas direciona a leitura vertical da obra. Na primeira coluna, as letras que formam a palavra sol vão progressivamente se movimentando para formar o ideograma. Na segunda coluna mostra um movimento diferente para a mudança sígnica interna ao painel. Feita em sentido horário dentro do ideograma, em quartos de círculo, o ideograma dá lugar a um círculo que, por sua vez, se torna no último painel um desenho o signo icônico do sol.

4. Poema tridimensional (poema/objeto)



Figura 4: Sexos, de Almandrade

Poema tridimensional para ser usado como objeto, versão do poema “seXos”. A experimentação rompe limites. Espaço/tempo, o movimento em torno faz um convite à participação inventiva. O poema salta do papel, do bidimensional, e ocupa o espaço da escultura e da arquitetura. A semântica em múltiplos sentidos, a grafia da letra X foi apropriada para formular uma composição tridimensional, a cor se soma no equilíbrio formal da peça. A arquitetura do poema/objeto é um abrigo poético que acomoda a imaginação do espectador/consumidor/leitor. Eis o poema SEXOS que deu origem ao objeto poema acima:



Figura 5: Sexos, de Almandrade

O verbal como realidade visual. A simetria da palavra: o X que une e separa é o X do problema. A palavra começa e termina com S. Os sexos são opostos e o mesmo X que sinaliza a oposição é um elemento de significação da palavra. É também o X da censura de uma época quando o poema foi executado. A experimentação gráfica da

palavra transmite sentidos, explicita leituras. Ver é pensar com os olhos e a imaginação é o dispositivo de interpretações.

5. Objeto/poema/livro



Figura 6: *Homemulher*, de Almandrade

Valorizar efeitos visuais não é só uma preocupação estética, mas também conceitual. Neste caso, a letra M é o ponto de partida para a realização do poema. O poema "Home**M**ulher", que deu origem a essa versão, foi concebido nos anos 1970 e levanta questões pertinentes na atualidade. A fusão semântica e plástica de duas palavras que significam respectivamente masculino e feminino. A letra M, finaliza uma palavra e inicia a outra, é o centro do poema com a função simultânea de separar e unir os dois substantivos. Essa versão é um poema-objeto tridimensional de parede, uma espécie de livro/poema espacial instigante e interativo. É preciso manusear e a cor é mais um componente estético que convida o espectador a experimentar o coeficiente poético explorado pela fisicalidade do poema. O poema fechado:



Figura 7: *Homemulher*, de Almandrade

Poesia visual, sintética e gráfica, a escolha do material para sua confecção é resultado da busca para uma solução gráfica e espacial. A invenção de novos códigos pode se dar em qualquer suporte, entre o livro e o objeto.



Figura 8: *Homemulher*, de Almandrade

A visualização da estrutura é a questão central do poema. Nanquim sobre papel matriz que deu origem ao poema objeto. O poema é um exercício que leva a linguagem a um limite e rompe com significados cotidianos.

6. Livro/poema



Figura 9: *Alfabeto*, de Almandrade / 1973/2020

Mais do que uma experimentação com as letras do alfabeto, os efeitos visuais vão se somando com o virar de página. A letra utilizada com elemento gráfico vai ocupando a página em branco do papel, numa sequência de enquadramentos, como se fosse ocupando cada vez mais o espaço limitado do papel. Uma explosão de sentido.

“O alfabeto é o instrumento mais cruel de dominação que o homem já criou, assim como a desconstrução criada pela vanguarda contribuiu para o esvaziamento do pensamento de nosso tempo”. (Wladimir Dias-Pino) A escrita alfabética estranhamente se acomoda no espaço da página, não pré-codificada, nada dizem. A letra, componente da palavra, é explorada nas suas possibilidades gráficas, ordenadas ou desordenadas segundo a lógica tipográfica. A invenção de novas grafias, novos códigos para superar a ordem alfabética.

7. Conclusão

O poema visual nas suas múltiplas apresentações tem no experimentalismo da linguagem a sua origem. Ao enfatizar aspectos plásticos, visuais e estruturais, o poema, a palavra, foi cedendo lugar a outras formas de linguagem na invenção poética. A palavra deixou de ser a principal matéria prima de construção do poema, mas não foi descartada. A criação e/ou utilização de novos signos, reforça e enriquece as possibilidades de experiências estéticas diversas com a linguagem.

8. Referências bibliográficas

- ALMANDRADE. *Escritos Sobre Arte*. Salvador: Editora Cispoesia, 2008.
- CIRNE, Moacy. *Vanguarda: um projeto semiológico*. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.
- MENDONÇA, Antonio Sergio Lima. *Poesia de Vanguarda no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Antares. 1983.
- SÁ, Álvaro. *Vanguarda Produto de Comunicação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.